

Desafios da escola do período pós-pandemia e a saúde emocional dos educandos

Challenges of schools in the post-pandemic period and the emotional health of educates

Desafíos de las escuelas en la pospandemia y la salud emocional de los educandos

Gislene Martins da Silva

RESUMO:

O Coronavírus deixará marcas que irão reverberar nas emoções dos estudantes, que precisarão encontrar na escola um legítimo lugar de fala. Neste trabalho o objetivo é pensar sobre os desdobramentos da pandemia quanto à saúde mental dos estudantes no retorno à escola. As reflexões são pautadas em experiências vivenciadas em sala de aula, em debates ocorridos no I Seminário Interno do Projeto Antropo-Covid-19 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade de Brasília (UnB) e em pesquisas bibliográficas sobre Educação e Saúde que perpassam o cuidado, bem como nas contribuições advindas da Terapia Comunitária Integrativa (TCI), metodologia que se apoia na fala e na escuta como forma de cuidado e que pode ser empregada para promoção da saúde dos alunos no retorno à escola. O estudo aponta para as potencialidades da TCI para mitigar os efeitos emocionais advindos da pandemia e do afastamento do contexto escolar e para a necessidade do trabalho articulado e intersetorial com vistas ao retorno eficiente e seguro.

Palavras-chave: Educação, Saúde, Cuidado.

ABSTRACT:

Coronavirus will leave marks that will reverberate in the emotions of students, who will need to find a legitimate place to speak at school. In this work, the objective is to think about the consequences of the pandemic regarding the mental health of students when they return to school. The reflections are based on experiences lived in the classroom, on debates that took place at the I Internal Seminar of the Antropo-Covid-19 Project - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade de Brasília (UnB) and on bibliographic research on Education and Health that permeate care, as well as on the resulting contributions Integrative Community Therapy (ICT), a methodology that relies on speaking and listening as a form of care and that can be used to promote the health of students when they return to school. The study points to the potential of ICT to mitigate the emotional effects arising from the pandemic and the distance from the school context and the need for articulated and intersectoral work with a view to an efficient and safe return.

Keywords: Education, Health, Care.

RESUMEN:

El Coronavirus dejará marcas que repercutirán en las emociones de los estudiantes, quienes necesitarán encontrar un lugar legítimo para hablar en la escuela. En este trabajo, el objetivo es reflexionar sobre las consecuencias de la pandemia en cuanto a la salud mental de los estudiantes cuando regresan a la escuela. Las reflexiones se basan en experiencias vividas en el aula, en debates ocurridos en el I Seminario Interno del Proyecto Antropo-Covid-19 - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade de Brasília (UnB) y en investigaciones bibliográficas sobre Educación y Salud que permean la atención, así como sobre los aportes que surgen de la Terapia Comunitaria Integrativa (TIC), una metodología que se basa en hablar y escuchar como una forma de cuidado y que puede ser utilizada para promover la salud de los

estudiantes cuando regresen a la escuela. El estudio apunta al potencial de TCI para ablandar los

1 Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília. E-mail: gislenelp@gmail.com

efectos emocionales derivados de la pandemia y la salida del contexto escolar y a la necesidad de un trabajo articulado e intersectorial con miras a un retorno eficiente y seguro.

Palabras clave: Educación, Salud, Cuidado.

INTRODUÇÃO

Vivenciamos um contexto de crise sanitária, social, política, ética, humana, educacional. A pandemia do Coronavírus trouxe muitos pontos de reflexão e desdobramentos inclusive com relação à díade saúde - educação. Talvez agora, como nunca antes se ouviu falar, estejamos todos pensando no quão importante é o papel e o lugar da escola. Mais do que nunca a escola precisa se descolar de uma imagem conteudista que, por vezes, ainda impera, especialmente fora de seus portões, quando alguns ainda afirmam que a escola é apenas o lugar para se aprender a ler e a escrever. Somos todos convidados a percebê-la como um espaço de desenvolvimento emocional, afetivo e social de cada estudante.

Mas quem são os alunos que chegam à escola? Como estão chegando? Certamente não são os mesmos que em março de 2020 tiveram que dobrar o uniforme e pendurar a mochila. Trazem em suas histórias, após um longo período de confinamento, um capítulo de perdas, estresse, muitos traumas e as mais diversas vulnerabilidades; sejam elas pela perda de emprego dos pais, pela saudade dos amigos e professores, pelo comprometimento das atividades escolares e/ou pela perda de um ente querido.

Possivelmente surgiram distúrbios no sono ou alimentares, angústia, ansiedade, medo. Como a escola e os professores podem lidar com essas demandas? Como agir para não cairmos no erro de naturalizar, inclusive, o eminente quadro de abandono e/ou fracasso escolar tendo a pandemia como justificativa; e principalmente como agiremos para mitigar os efeitos que surgirão sem que essa mesma escola recolha somente para si todas as responsabilidades?

Além de possibilitar o retorno dos estudantes, é preciso garantir que ele seja efetivo e afetivo frente a tantas fragilidades e desigualdades que se tornaram ainda mais evidentes.

1 CAMINHO METODOLÓGICO

As reflexões aqui contidas são pautadas em experiências vivenciadas em sala de aula, em debates ocorridos no I Seminário Interno do Projeto Antropo-Covid-19 – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade de Brasília (UnB) e em pesquisas bibliográficas sobre Educação e Saúde que perpassam o cuidado, bem como nas contribuições advindas da Terapia Comunitária Integrativa (TCI), metodologia que se apoia na fala e na escuta como forma de cuidado e que pode ser empregada para promoção da saúde dos alunos, irmanando ainda mais Educação e Saúde.

2 O QUE APONTAM ESPECIALISTAS

Em tempos de pandemia, Costin¹, ao escrever sobre a importância da educação para um futuro mais sustentável e inclusivo, lembra que a Covid-19 não apenas resultou em perdas de aprendizagem, mas também revelou as desigualdades que vivemos, especialmente no Brasil. Convém destacar que essas perdas vão muito além do conteúdo e tocam, dentre outros aspectos, a saúde mental dos escolares.

Almeida² chama a atenção sobre a importância de refletir a respeito das “possibilidades e limites da atuação da instituição escolar em direção à educação e à prevenção em saúde mental dos alunos.” Cumpre destacar que as famílias, as instituições e todo o aparato do Estado devem atuar em corresponsabilidade no cuidado com as crianças, conforme asseguram documentos legais. O artigo 205 da Constituição Federal³ afirma que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” e o Estatuto da Criança e do Adolescente destaca no Art. 4º que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária⁴.

A retomada das aulas certamente traz no bojo não apenas questões pedagógicas, mas também questões de saúde, estas, nas palavras de Almeida² envolvem ao mesmo tempo, “um processo humano individual, que tem a ver com a

subjetividade do sujeito, em particular, mas que não deixa de ser afetado pelas condições sociais, culturais e históricas da sociedade.” Isso mostra o quanto devemos observar os determinantes sociais em saúde, que conforme asseveram Buss e Pellegrini⁵ alinhados à Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) tais determinantes estão atrelados aos “fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população.”

2.1 O que salta aos olhos

Os números da United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization (UNESCO)⁶ mostram que dois terços de um ano acadêmico se perdem em média no mundo todo devido ao fechamento de escolas diante da Covid-19. Isso sem falar diretamente nos aspectos emocionais.

De fato, precisaremos de algum tempo para estudar os diversos efeitos da Covid-19 e do inevitável fechamento das escolas. Soares e Schoen⁷ afirmam que esse fechamento “representa um risco sem precedentes para a educação, proteção e bem-estar dos estudantes, já que escolas não são apenas locais de aprendizado: elas fornecem proteção social, nutrição, saúde e apoio emocional.”

Sobre os aspectos emocionais, Linhares e Enumo⁸ destacam que “a saúde mental das crianças e adolescentes no contexto de pandemia com o distanciamento ou isolamento social deve ser um ponto de atenção, considerando-se que esse grupo se constitui em uma população vulnerável.”

Convém lembrar as palavras de Almeida² ao tratar de saúde mental e, especificamente, do papel da instituição escolar. Para a autora, é preferível adotar o termo promoção à saúde mental, ao invés de prevenção, em função das implicações ideológico-práticas e das contradições que a análise do termo permite inferir, reforçando assim o território escolar como um espaço de promoção do indivíduo.

Fora da escola, os estudantes enfrentam perdas quanto ao desenvolvimento da aprendizagem e também da socialização. O momento pede a efetivação de ações da saúde e da educação. É preciso pensar então em como promover um retorno saudável para os educandos após um longo período de afastamento escolar. É fundamental buscar estratégias de educação em saúde, protocolos sanitários e também ações que promovam o bem-estar coletivo.

O Programa Saúde na Escola (PSE) enfatiza que “a escola é um espaço privilegiado para práticas de promoção de saúde e de prevenção de agravos à saúde e de doenças. A articulação entre escola e unidade de saúde é, portanto, uma importante demanda”⁹. Essa política intersetorial nos mostra que mais do que nunca a integração da saúde e da educação precisa ser colocada em prática, ou seja, nesse momento é preciso pensar na aproximação desses dois setores para ações eficazes. De acordo com Almeida², “não é possível à escola se assegurar da tarefa de prevenir a doença mental”, mas pode, por meio das relações intersubjetivas e afetivas entre aluno e professor propiciar um espaço gerador de bem-estar e saúde. Assim:

Se a escola não tem como assumir a tarefa de garantir a saúde mental do aluno, pois não há nenhuma possibilidade de assegurar uma educação cujos efeitos sejam previsíveis, ela pode, no entanto, se esforçar para reconhecer, no aluno, um sujeito desejante, um sujeito a quem se atribui o direito à palavra e o direito de expressar emoções, afetos e angústias. (p.118).

3 PENSANDO A NOVA REALIDADE

Na nova realidade que se impõe, a escola não poderá se restringir ao passo burocrático de apenas querer o conteúdo em dia; os pais não poderão cobrar que o professor super-herói dê conta de sanar todas as lacunas que foram geradas pela Covid-19 e é preciso ter cautela para não cobrar demais dos alunos e tentar nivelá-los, revitimizá-los, especialmente porque salta aos olhos as desigualdades e as diferenças entre o ensino público e privado, seja quanto à acessibilidade dos suportes tecnológicos, questões sanitárias, redes de apoio; cabendo, portanto, pensar também na individualidade e na maneira distinta como cada um viveu e ainda vive os desdobramentos dessa pandemia.

No período de atividades remotas muitas dificuldades surgiram e o ensino a distância que aparentemente seria algo rápido, perdurou por mais de 1 ano. Diante de tanto tempo longe do ambiente escolar, foram e ainda são muitas as dificuldades e incertezas para o retorno presencial à escola, que provavelmente não será mais a mesma.

Dados da Unesco⁶ lançados na Plataforma Coalizão Global de Educação confirmam que o surto de COVID-19 também gerou uma enorme crise educacional e

que poderá perdurar por uma década.

A esse respeito Dias e Pinto¹⁰ ressaltam que “muitas escolas públicas e privadas, estão exagerando nas expectativas do que professores e familiares conseguem fazer”.

Ignora-se, nesses casos, aspectos ligados à rotina de cada família: tempo destinado ao acompanhamento escolar, casos de violência, aspectos alimentares, falta de trabalho ou o trabalho home *office* dos pais, nível de conhecimento dos pais, acesso à internet e equipamentos de qualidade. Agora, com o retorno totalmente presencial, é preciso valorizar a importância da parceria saúde e educação e frisar o quanto saúde física e mental são vinculadas. Destaca-se que:

Dentre tantos problemas, a duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa - torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola -, e a falta de merenda para os alunos menos privilegiados são fatores de estresse que atingem a saúde mental de boa parte dos estudantes da Educação Básica e de suas famílias.¹⁰

Frente a tantas considerações, o olhar deve vislumbrar também o cuidado com os professores e demais membros da comunidade escolar. O retorno à tão almejada realidade é necessário, porém não se trata de um retorno fácil, especialmente se não houver entendimento de que o esforço deve ser conjunto.

No retorno à escola as demandas que surgem são as mais diversas e segundo Oliveira, Gomes e Barcellos¹¹, quanto à aprendizagem, o uso de tecnologia e a ampliação da jornada diária, com engajamento efetivo dos alunos nas atividades, podem ter relevância, embora não constituam em soluções robustas no enfrentamento da interrupção tão abrupta do calendário escolar que trouxe tantos impactos em tantas áreas distintas.

Quanto às demandas emocionais, foco dessa discussão, mais do que nunca, os estudantes precisam ser ouvidos, precisam falar, “falar para sarar”. O afeto mais do que nunca precisa estar presente nas relações e a fala tão valorizada na Terapia Comunitária Integrativa (TCI) pode contribuir para a promoção da saúde na escola e para a não medicalização do sofrimento.

Na TCI, de acordo com Barreto¹², as experiências do adoecer constroem significados que são partilhados pelo grupo, que interpreta as enfermidades e o sofrimento, articulando o cognitivo do vivenciado com o afetivo sentido. Na TCI, os participantes se tornam decifreadores de si mesmos. Na perspectiva adotada por

Barreto¹², “o sintoma é considerado como o lado visível de um processo invisível que

influencia todo o comportamento humano”. A doença, embora se manifeste como uma disfunção biológica, tem valor de comunicação.

Segundo Kramer, Nunes e Pena¹³ “a observação das interações entre adultos e crianças nas instituições educativas evidencia, muitas vezes, um contexto de pouco cuidado, de pouco diálogo, que compromete os vínculos e a qualidade das relações.” França e Rocha¹⁴ pensam o cuidado como parte importante no processo de integridade física e constituição psíquica do indivíduo, seja a figura do agente cuidador representada pela mãe, pelo pai, por membros da família, médicos, professores, amigos.

Em se tratando da volta às aulas e do ambiente de cuidado desejado, cabe pensar: Que escola queremos? Que escola teremos? É inegável que os impactos da Covid-19 vão além do adoecimento por contato direto com o vírus; teremos de lidar com grandes mudanças também no cenário da escola e dos lares, impactando a saúde.

Torna-se urgente a busca de estratégias diferenciadas para tratar inclusive as consequências emocionais deixadas pela pandemia. É urgente potencializar o cuidado integral com os estudantes, pois a vacina por ela mesma, embora muito importante, não traz soluções para as perdas que fazem parte da história de cada um. A Terapia Comunitária Integrativa (TCI), segundo Barreto¹², enfatiza que é necessário ir além do aspecto físico e enxergar o indivíduo de forma completa, compreendendo a doença como um processo bio-psico-sócio-espiritual. Então, como não pensar no ambiente escolar como propício a essa prática para promover saúde?

Fato é que escola não pode ser vista apenas como o lugar da aprendizagem cognitiva; é lugar da educação integral onde o ouvir também é cuidar.

A TCI pode entrar em cena como uma valiosa metodologia de intervenção e de promoção da saúde por meio da escuta, da troca de experiências entre os participantes e da percepção dos problemas, visando a capacitação para superação. Para Barreto¹², a máxima da TCI é: “falar para sara”, pois quando a boca fala o corpo sara e quando a boca cala, o corpo fala com doenças que se manifestam física e emocionalmente.

Como professora da educação básica há mais de 20 anos, conheço bem o território da escola, mas diante do quadro atual, tenho a impressão de que um novo

desenho escolar precisará ser construído para o manejo de questões emocionais que representam riscos à saúde coletiva desses escolares.

Com um olhar que pode ser legitimado pela experiência de décadas em sala de aula e distante de uma visão utópica, entende-se que para a TCI alcançar a eficiência esperada, é fundamental que a escola, tida também como um espaço de promoção da saúde, conte com uma equipe multiprofissional para o cuidado integral com os educandos. Além de uma equipe pedagógica, faz-se necessária a presença de psicólogos, orientadores, psicopedagogos e enfermeiros, pois não basta um projeto bem desenhado, é preciso recursos para que seja colocado em prática, fazendo valer os preceitos da intersetorialidade, tida por Warschauer e Carvalho¹⁵ como uma forma articulada de trabalho entre sujeitos de setores diversos, com diferentes saberes e poderes com vistas a enfrentar problemas complexos.

Então, considerando o ambiente escolar como promotor de bem-estar, é preciso articulação para que a tão desejada retomada seja feita ponderando que a escola também é um lugar de saúde. Convém refletir:

As finalidades da educação, tanto quanto a sensibilidade subjetiva do mestre **[e de todos que compõem a comunidade escolar]** que as coloca em ato, no cotidiano de sua prática, têm efeitos os mais diversos, dependendo não somente da objetividade do objeto de conhecimento a ser transmitido, mas, sobretudo, das relações intersubjetivas e afetivas que se estabelecem entre aquele que ensina e aquele que aprende.²

Alinhadas à TCI, Kramer, Nunes e Pena¹³ afirmam que o Cuidado se apresenta como uma ação ética no cotidiano, como reciprocidade, como presença, como um modo de olhar, o lugar do sensível. Cuidado como lugar que se dá no afeto, como um lugar para se existir; como um encontro. O cuidado impacta de forma direta na aprendizagem dentro e fora da escola.

CONCLUSÃO

Pensando que após o término do isolamento social há muito a tratar com relação a essa temática nos campos político, econômico, cultural, inclusive no campo da saúde mental, visto que todos vivenciamos uma situação extrema e estamos agora circunscritos em uma parte triste da história que está sendo vivida agora, mas que entrará, certamente, em capítulos dos mais diversos livros; faz-se necessário e urgente pensar nos agravos que essa crise, não apenas sanitária nos trouxe. Cabe, portanto, refletir sobre a importância da articulação dos diversos setores, uma vez que

os danos causados pela Covid-19 não serão extintos apenas com a chegada da vacina.

Observando as mudanças provocadas nos mais diferentes aspectos, é inegável que a educação passou a ter também um novo desafio no período pandêmico e no pós-pandêmico, o que nos impulsiona a recorrer ao auxílio das mais diversas áreas, incluindo a da Saúde. Basta pensar no quanto essa crise vai reverberar também na saúde emocional dos estudantes, bem como dos professores e demais profissionais da educação que deverão ser preparados para acolher e lidar com várias demandas deixadas por um momento tão complexo e por tantas outras transformações causadas pela pandemia; demandas tão reais no retorno à sala de aula.

É imperativo se pensar em iniciativas e políticas que primem pelo cuidado integral no território escolar, unindo esforços intersetoriais neste momento ainda tão *sui generis* e adverso. Carneiro e da Silva¹⁶ destacam que a TCI pode ser utilizada como estratégia, oferecendo possibilidades de práticas de cuidado, especialmente no campo da saúde mental, tendo em vista ser a escola um lugar de acolhimento que pode manter um crescente e proveitoso diálogo entre saúde e educação.

REFERÊNCIAS

1. Costin C. Educar para um futuro mais sustentável e inclusivo. Impactos da pandemia. *Estud. av.* 2020 Set.-dez; 34(100). doi: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.004>
2. Almeida SFC de. O papel da escola na educação e prevenção em saúde mental. *Estilos da Clín.* (Online) [Internet]. 1998 julho 1 [citado em 2022 Jul 14]; 3(4),112-9. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v3i4p112-119>
3. Brasil. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal; 1988.
4. Brasil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências (Estatuto da Criança e do Adolescente). *Diário Oficial da União*. 16 jul. 1990 [citado em 2021 mar. 5];13563(seção1), Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.
5. Buss PM, Pellegrini A Filho. A Saúde e seus Determinantes Sociais. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro. 2007; 17(1):77-93.
6. Coalizão Global de Educação. [citado em 2022 nov. 4]. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition>.

7. Soares L, Schoen TH. Medidas de prevenção à Covid-19 no retorno às aulas: Protocolos de 13 países. Scielo [preprint], 2020. [citado em 2020 nov 20]. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/download/1082/1590/1671>.
8. Linhares MBM, Enumo SRF. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. *Estud. psicol. (Campinas)* 37. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>
9. Brasil. Ministério da Saúde; Ministério da Educação. Caderno do gestor do PSE. Brasília: Ministério da Saúde; 2015
10. Dias E, Pinto FCF. A Educação e a Covid-19. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.*, [online]. 2020;28(108):545-54.
11. Oliveira JBA, Gomes M, Barcellos T. Como será a aprendizagem na volta às aulas: ouvindo as evidências. *Ensaio: aval. pol. públ. Educ.* [online] 2020 Jul 3; 28(108):555-78. doi:10.1590/s0104-40362020002802885.
12. Barreto AP. Quando a boca cala os órgãos falam: desvendando as mensagens dos sintomas. Fortaleza: Gráfica LCR; 2012.
13. Kramer S, Nunes MFR, Pena A. Crianças, ética do cuidado e direitos: a propósito do Estatuto da Criança e do Adolescente. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 46, e237202, 2020.
14. França RMP, Rocha Z. Por uma ética do cuidado na psicanálise da criança. *Psicol. USP.* 2015; 26(3):414-22. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-656420140045>
15. WARSCHAUER, M; CARVALHO, YM. O conceito "Intersetorialidade": contribuições ao debate a partir do Programa Lazer e Saúde da Prefeitura de Santo André/SP. *Saúde soc.*, v. 23, n. 1, p. 191-203, jan./mar. 2014.
16. Carneiro RG, Da Silva GM. As potencialidades da terapia comunitária integrativa como promotora de saúde a vítimas de violência sexual. *Com. Ciências Saúde.* 2021 [citado 2023 jul 19]; 32(4):29-39. doi: <https://doi.org/10.51723/ccs.v32i04>.